

## **POESIA E SOCIABILIDADE: BOCAGE, A MARQUESA DE ALORNA E A VISCONDESSA DE BALSEMÃO**

*Vanda Anastácio*

Ao contrário do que se verifica com a maior parte dos produtores de poesia do seu tempo, Manuel Maria Barbosa du Bocage foi acolhido desde muito cedo pelas Histórias da Literatura Portuguesa. Esta circunstância, se o preservou do esquecimento a que foram votados muitos dos seus contemporâneos durante os séculos XIX e XX, esteve também na origem da difusão de um número considerável de ideias feitas, tanto em relação à sua obra, como à sua biografia, que o estudo desapassionado dos factos obriga, com frequência, a matizar. No curto trabalho que aqui apresentamos, procuraremos reunir alguns desses factos, relativos ao relacionamento entre Manuel Maria Barbosa du Bocage e duas das mulheres escritoras que maior reconhecimento alcançaram na época em que este frequentava a sociedade lisboeta: D. Leonor de Almeida Portugal (1750-1839), Condessa de Oeynhausen, e Marquesa de Alorna a partir de 1824, e D. Catarina Micaela de Lencastre (1749-1824), 1ª Viscondessa de Balsemão desde 1801, por via de seu marido, Luís Pinto de Sousa Coutinho, recompensado com o título pelos serviços prestados à coroa em cargos diplomáticos (em Londres e Madrid) e ministeriais (foi nomeado Ministro da Guerra e dos Negócios Estrangeiros em 1778 e dos Negócios do Reino em 1800).

O intercâmbio poético entre *Elmano Sadino* e estas senhoras pouca atenção tem suscitado por parte dos seus biógrafos, o que é compreensível, se tivermos em conta a escassez de elementos disponíveis capazes de o caracterizar. Talvez por ter também estudado a obra da Marquesa de Alorna e por ter tido acesso a grande parte da documentação inédita que sobre ela se preserva<sup>1</sup>, Hernâni Cidade terá sido porventura o

---

<sup>1</sup> Hernâni Cidade escreveu uma biografia da Marquesa de Alorna intitulada *A Marquesa de Alorna. Sua vida e obras*, Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1930, e publicará parte da sua correspondência na obra *A Marquesa de Alorna: inéditos, cartas e outros escritos*, Lisboa, Sá da Costa, 1941.

crítico que maior relevo atribuiu aos indícios de um relacionamento presentes nas obras de ambos e, em anos recentes, foram avançadas novas hipóteses relativas ao intercâmbio entre Manuel Maria e D. Catarina Micaela por Maria Luísa Borralho e por Zenóbia Collares Moreira<sup>2</sup>.

Como procurámos provar em outro lugar<sup>3</sup>, as mulheres que em Portugal se aventuraram à produção e à difusão de textos nesta época tentaram, até certo ponto, esconder a sua actividade dos olhos do público, pelo que se torna difícil ao historiador aperceber-se do papel que desempenharam, não apenas enquanto produtoras mas, também, como mediadoras culturais, como promotoras de determinados repertórios e como agentes de legitimação de indivíduos e de grupos<sup>4</sup>.

No caso de que aqui nos ocupamos, é possível datar de modo aproximado o relacionamento de Bocage com as duas senhoras mencionadas a partir dos dados biográficos que conhecemos: D. Catarina só coincide com o poeta em Lisboa entre 1790, data em que este regressa da Índia, e 1805, data da morte deste; por sua vez, D. Leonor abandonará o país em 1802, mas manterá o contacto com Manuel Maria (ainda que provavelmente muito esporádico), até 1805. As informações que têm vindo a ser reunidas acerca do funcionamento do campo literário em Lisboa e das estratégias

---

<sup>2</sup> Maria Luísa Malato Borralho, *D. Catarina de Lencastre (1749-1824). Libreto para uma autora quase esquecida*, (Dissertação de Doutoramento policopiada) Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999; Zenóbia Collares Moreira, *O lirismo da Viscondessa de Balsemão*, Lisboa, Edições Colibri, 2000.

<sup>3</sup> Vanda Anastácio, «Mulheres varonis e interesses domésticos (Reflexões acerca do discurso produzido pela História Literária acerca das mulheres escritoras da viragem do século XVIII para o século XIX)» in *Cartographies. Mélanges offerts à Maria Alzira Seixo. Ariane*, n.ºs 18-20, Lisboa, 2003/2005, pp. 537-556 e ainda *Idem*, «Cherchez la femme», *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, Fundação Gulbenkian, n.º 2005, pp.

<sup>4</sup> Raquel Bello Vazquez, *Uma certa ambição de Glória. Trajectória, redes e estratégias de Teresa de Mello Breyner nos campos intelectual e do poder em Portugal (1770-1798)*, (Dissertação de Doutoramento), Santiago de Compostela, Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela, 2005.

utilizadas pelas mulheres de letras portuguesas durante esses anos permitir-nos-ão entender melhor estas relações<sup>5</sup>.

Com efeito, na segunda metade do século XVIII, assistiu-se nesta cidade, à difusão de uma forma de sociabilidade de um novo tipo, que diferia dos hábitos vigentes até então pelo facto de permitir o convívio entre homens e mulheres, uma prática quase inexistente nos anos anteriores ao terramoto de 1755. Os contemporâneos chamaram «assembleias» a esta nova forma de reunião, que tornou possível que um número significativo de mulheres instruídas difundisse os seus escritos e as suas ideias de modo *discreto* entre os intelectuais seus contemporâneos. Organizadas por elementos da aristocracia e da alta burguesia, as assembleias tinham lugar em casas particulares e eram presididas pela dona casa (acompanhada por seu marido). Tinham periodicidade regular (uma ou mais vezes por semana) e incluíam, para além da recitação, do improviso poético e da leitura de textos em voz alta, a execução musical, o canto e a dança.

Sublinhe-se que apesar da sua aparente informalidade, a assembleia só era acessível a um número restrito de participantes, admitidos ao convívio através de alguém que fosse já frequentador de um determinado grupo. Deste modo, ainda que seja possível delimitar redes de relações afectas a determinadas casas, é frequente deparar com indivíduos que circulavam por diversos grupos. Um outro aspecto relevante para o caso que aqui nos interessa, é a importância que adquirem neste contexto talentos como escrever poesia, improvisar ou declamar, no sentido em que permitiam a indivíduos como Bocage, por exemplo, que não tinha nascido no seio da alta aristocracia, a

---

<sup>5</sup> Vejam-se a este respeito, as achegas que foram sendo avançadas nas obras de Maria de Lurdes Lima dos Santos, *Intelectuais portugueses na primeira metade de oitocentos*, Presença, 1988, Maria Antónia Lopes *Mulheres, Espaço e Sociabilidade (A transformação dos papéis femininos em Portugal à luz de fontes literárias (segunda metade do século XVIII))*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989, Maria Alexandre Lousada, *Espaços de Sociabilidade em Lisboa: finais do século XVIII a 1834*, Dissertação de Doutoramento (texto policopiado), Lisboa, 1995, Raquel Bello Vazquez, «Lisbon and Vienna: the correspondence of the Countess of Vimieiro and her circle», *Portuguese Studies*, volume 20, 2004, pp. 89-107 e Vanda Anastácio, *op. cit.*

frequência de meios sociais muito acima do seu meio de origem que, de outro modo, lhe permaneceriam vedados. Assim, se é verdade que esta prática favorecia a troca de ideias e de textos, não é menos certo que era usada como meio de construir e de destruir reputações literárias, pelo que as assembleias constituíam também instâncias de legitimação autoral.

É preciso ter presente ainda, que o facto de as mulheres que tinham acesso à instrução na sociedade portuguesa dos finais do século XVIII provirem, pelo nascimento, do topo da hierarquia social, lhes permitia moverem-se em torno dos centros de decisão do poder político, e que esta circunstância explica que tanto elas, como os intelectuais que delas se aproximavam, tenham tentado utilizar a *visibilidade social* proporcionada pelas assembleias para influenciar o curso dos acontecimentos, para favorecer os seus ideais, ou para alcançar objectivos pessoais.

Como veremos, os vestígios que chegaram até nós da existência de um intercâmbio poético entre Bocage e as duas senhoras mencionadas, apontam para tipos de relacionamento que, apesar de não se terem desenvolvido do mesmo modo em ambos os casos, põem em jogo, tanto a admiração mútua pelo talento poético, como a busca de legitimação, como o desejo de protecção política e social. A leitura atenta dos textos que Manuel Maria dedicou a cada uma destas senhoras, das composições que lhe foram endereçadas por elas e, até, das poesias enviadas por uma à outra, permitir-nos-á fundamentar melhor estas afirmações. Teremos, para esta averiguação, que recorrer a textos de circunstância, nos quais predominam representações idealizadas e modeladas pelos padrões do *decorum* poético e social do tempo, que não podem, evidentemente, ser lidos de modo literal. Um olhar atento permitir-nos-á contudo, segundo cremos, chegar a algumas conclusões.

De Bocage, conhecem-se, dedicados a D. Catarina de Lencastre, a ode que começa: «Consoladora de meus negros males» e duas glosas de um mote desta. Relevante para a caracterização do relacionamento que pretendeu estabelecer com a Viscondessa de Balsemão parece-nos ser, também, a ode que Manuel Maria dedicou ao marido desta, iniciada com o verso «Inculto habitador das agras serras». Por seu lado, a Viscondessa também dedicou poemas a Bocage. Entre as numerosas colectâneas manuscritas das suas obras que se encontram dispersas por diversas bibliotecas portuguesas, encontram-se uma ode e dois sonetos em que *Elmano* é especificamente mencionado<sup>6</sup>.

Que dizem os textos?

A sua leitura permite observar que neles o louvor se cruza com alusões a circunstâncias de carácter histórico e político. Assim, se na ode a D. Catarina Micaela o poeta convida a sua Musa para que deixe a tristeza e as «trevas» e o acompanhe a lugares mais belos (onde está D. Catarina, presume-se) não deixa de recomendar-lhe que não abandone o luto pelo «luso Príncipe excelso» (o Príncipe D. José, falecido em 1788). É esta alusão a D. José - em quem os sectores intelectuais da época haviam depositado as esperanças de uma renovação política -, que introduz o pedido do poeta à dedicatária, (invocada como «Alta heroína, singular Lencastre») para que ouça os seus versos, uma atenção que o poeta considera lhe permitirá resistir à «Desgraça». Nos poemas de glosa, as alusões à história portuguesa e aos valores patrióticos estão particularmente presentes, mas o mote de D. Catarina era já, na origem, politicamente inequívoco: «*Defender os pátrios lares / Dar a vida pelo rei, / É dos Lusos valorosos / Carácter, costume e lei*». Bocage desenvolvê-lo-á num primeiro poema em que recorda a actuação dos reis portugueses, desde D. Fernando a D. João IV, sublinhando a

---

<sup>6</sup> Trata-se da ode piscatória intitulada *Elmano* que começa «O triste Elmano / Desesperado» in Maria Luísa Borralho, *Op.cit.*, vol. II, pp. 429-432 e dos sonetos «Enfim, ríspido Elmano, estão quebrados» *Idem*, p. 434 e «Envolta nas mantilhas da inocência» *Idem*, p. 435.

capacidade de regeneração da Pátria nos momentos de crise; e, num segundo texto de glosa ao mesmo mote exortará os portugueses a defenderem os direitos «da justiça e da razão» seguindo o exemplo dos seus antepassados e recordará que mesmo que os «muros» da pátria possam ser derrubados, os do «carácter, costume e lei» permanecerão invencíveis.

A mesma mescla de louvor e de subtis alusões a circunstâncias e a expectativas de carácter político se observa, como seria de esperar, na ode a Luís Pinto de Sousa, um texto em que o poeta, dizendo-se inspirado pelo «Amor da Verdade» e pelo «Amor da Pátria» informa que, mais do que cantar o nome e os méritos do ministro (a quem descreve como um «legítimo herói», digno dos heróis da pátria que o precederam) deseja pedir ao «génio tutelar de Lísia» que lhe inspire uma política regida pelo «bem da pátria» capaz de permitir-lhe ultrapassar as ameaças do futuro.

Como se verifica, apesar das alusões ao apreço de D. Catarina pelas «dádivas da Natureza» e às «Artes e Ciências» apreciadas por seu marido, o conteúdo destes textos não parece poder dissociar-se da posição ocupada pelo casal Pinto de Sousa na política da época. Mesmo o soneto que D. Catarina dirige a Elmano aludindo a um relacionamento mais próximo entre ambos e queixando-se do «génio extravagante» do poeta, não parece invalidar esta interpretação<sup>7</sup>. Com efeito, Bocage oscila nestes poemas entre a *captatio benevolentiae*, os pedidos de apoio e a preocupação com a situação crítica de Portugal numa Europa em convulsão, nas vésperas das invasões francesas.

Mas a verdade é que, desde a nomeação de Luís Pinto de Sousa Coutinho para Ministro da Guerra e dos Negócios Estrangeiros em 1778 e, sobretudo, a partir do

---

<sup>7</sup> Referimo-nos ao soneto: «Enfim, ríspido Elmano, estão quebrados / Os laços que até agora me apertaram, / E por desgraça minha prepararam / Quase sem o sentir, os cruéis Fados // Mil queixas, mil suspiros magoados / Por desafogo meu o ar toldaram / Mas surdo a meus clamores, não chegaram / A despertar por mim os teus cuidados. // Sofri teu génio caprichoso e duro; / Conheci teu carácter inconstante; / Calculei qual seria no futuro!... // Custou-me, mas venci; feliz instante! / Vê se podes achar (não to seguro) / Quem sofra em paz teu génio extravagante.» Zenóbia Collares Moreira, *Op. cit.*, p. 71

momento em que este foi nomeado Ministro dos Negócios do Reino em 1800 e até à sua morte em 1804 são numerosos os poetas que frequentam as assembleias de D. Catarina de Lencastre e que lhe dedicam obras nas quais esta surge, com frequência, caracterizada como alguém que, pela sensibilidade e pelo talento, poderá servir como intermediária entre estes e o ministro. Como sublinhou Maria Luísa Borralho: «se desejavam obter favores do ministro, é a ela que os poetas recorrem»<sup>8</sup>. A lista dos que assim se lhe dirigem é longa, e inclui nomes como Domingos Maximiano Torres (o árcade *Alfeno Cintio*), Filinto Elísio, Nicolau Tolentino e a própria Condessa de Oeynhausen<sup>9</sup> em cujas obras figuram cinco textos expressamente dedicados a D. Catarina Micaela (referida pelo pseudónimo de Natércia)<sup>10</sup> e um sexto poema dedicado «A uma senhora que era casada com um Ministro» que provavelmente também se lhe refere<sup>11</sup>.

Uma análise cuidada das composições desta última autora revela a mesma mescla de imagens poéticas e de pedidos de atenção que observámos em Bocage, aos quais se somam os pedidos de favores concretos (a devolução das terras aforadas à

---

<sup>8</sup> Maria Luísa Borralho, *Op. cit.*, vol. I, p. 302.

<sup>9</sup> Eis as palavras de Maria Luísa Borralho, *Op. cit.*, vol. I, p. 302: «Maximiano Torres dedica-lhe um volume de versos, pedindo-lhe benignidade e prometendo-lhe mais altos voos, noutras poesias que cantará «as suas raras virtudes, e as de seu muito honrado esposo, e os heroicos feitos de seus Antepassados». João José de Vasconcelos repetidamente a louva em sonetos, rogando-lhe que o salve da fatal calúnia e temendo pela saúde da família quando sabe D. Catarina doente. Tolentino nas mesmas quadras lhe agradece uma véstia de cetim e pede para seu irmão o governo de um forte, tão carenciado de uma casaca também ele andava. Se escreve sobre Luís Pinto grato por este ter assinado o aviso para se imprimirem as suas poesias sabe ter sido D. Catarina quem os protegeu até à impressão. Filinto Elísio atribuía à má vontade de D. Catarina o facto de não ter obtido do ministério os despachos necessários para regressar de França. D. Leonor de Almeida, numa das composições que dirige a D. Catarina, diz ter prometido plantar um freixo em sua honra, numas suas terras, aforadas à Coroa, quando conseguisse tomar delas posse. Noutra – escrita logo no dia seguinte a Luís Pinto de Sousa ter sido nomeado Ministro de Estado, no ano de 1800 -, vê no ministro os traços do salvador político, ao mesmo tempo que lamenta a pátria ingrata para os seus heróis e faz alusão ao Conde de Oeynhausen.»

<sup>10</sup> São eles: a Epístola *A Natércia* que começa «Natércia já te não lembra» in Marquesa de Alorna, *Obras poéticas de D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre, Marqueza d'Alorna, Condessa d'Assumar, e d'Oeynhausen, conhecida entre os Poetas Portuguezes pelo Nome de Alcipe*, Lisboa, Na Imprensa Nacional, 1844, p. 17; a Epístola *Em resposta a Natércia* «Deixa-te disso, amiga, não me pregues» *Idem, op. cit.*, p. 21; a ode *A Natércia no dia seguinte à nomeação de seu marido para Ministro d'Estado*, *Idem, op. cit.*, pp. 84-85 e os sonetos *A Natércia* que começam: «Sonhei, pois tudo é sonho nesta idade» *Idem, op. cit.* p. 166 e *Em resposta a Natércia* cujo primeiro verso é. «Nos vasos da letal melancolia» *Idem, op. cit.*, p. 167.

<sup>11</sup> Referimo-nos a «O Pintassilgo e o Rouxinol» *Op. cit.*, pp. 352-353.

coroa, a recompensa dos serviços prestados pelo marido, etc.) mas, também, os receios de que D. Catarina Micaela – sempre designada como «amiga» nestes textos –, desampare as suas pretensões. D. Leonor de Almeida inclui também nos seus poemas queixas subtis pelo silêncio da Viscondessa, e até protestos em relação a divergências sobre o modo de encarar os sentimentos e a vida<sup>12</sup>. Tal como surge caracterizada na poesia de D. Leonor (e sublinhe-se que, de D. Catarina de Lencastre, não se conhece nenhum texto que lhe seja dedicado) a relação entre ambas aparece-nos cheia de ambiguidades, mais intensa do lado da Condessa que do da esposa do Ministro, misturando a poesia com o desejo de amizade e de favores. Curiosamente, os vestígios deste intercâmbio que encontramos na correspondência, tanto da Marquesa de Alorna como da Condessa de Vimieiro (sua amiga e correspondente ao longo de 25 anos) parecem confirmar esta ideia.

Com efeito, numa carta enviada a D. Leonor por D. Teresa de Mello Breyner, com data de 28 de Dezembro de 1788 pode ler-se: «Vai politicando. Aproveita-te da amizade, e antigo conhecimento de Balsemão.»<sup>13</sup> e, em carta não datada a Luís Pinto, na qual trata de negócios relativos à contra-revolução francesa, Oeynhausen escreve: «Queira V. Ex<sup>a</sup> pôr-me aos pés da Sua amável família, com a qual hirei brevemente passar algumas horas, as únicas talvez que ainda me são agradáveis na vida»<sup>14</sup>.

Vejamos um pouco mais de perto o que os textos permitem inferir acerca da relação desta última senhora com Manuel Maria Barbosa du Bocage. A menção mais antiga deste à Condessa de Oeynhausen é, segundo cremos, a que se encontra na epístola dedicada por este ao Conde da Ega, genro desta<sup>15</sup>, de novo um texto de

---

<sup>12</sup> É caso da epístola de Alcipe, intitulada *Em resposta a Natércia* que começa «Deixa-te disso, amiga, não me pagues» in *Op. cit.*, tomo II, pp. 21-22.

<sup>13</sup> Raquel Bello Vazquez, *Op. cit.*, carta [317].

<sup>14</sup> ANTT, Espólio das Casas de Fronteira e Alorna (173)

<sup>15</sup> Trata-se do texto que começa «Se a luz, claro Saldanha, a luz sagrada» in *Obras de Bocage* (edição de Teófilo Braga), Porto, Lello & Irmão Editores, 1968, pp. 891-893.

circunstância, mas que é, também, um panegírico ao talento poético da sogra e um oferecimento para cantá-la:

Ó nova irmã de Febo! Alcipe, Alcipe!  
Musa do Tejo! Altíssima cantora!  
Contra o gelo tenaz, que sobre esta alma  
A amenidade o viço ao génio mirra,  
Tu manda, tu despede um raio, um raio  
Do imenso, eterno sol, que em ti reflecte!

e, mais adiante, no mesmo poema, a dirigindo-se ainda especificamente a Alcipe, diz:

Tal podes atear-me a sacra flama  
E, deusa, quase um deus tornar Elmano!  
Invocados por mim teus dons, teu nome,  
Depondo a sanha, as rugas aplanando  
O terrível sobrolho de meus Fados,  
Fértil de assombros me erguerei na Fama.»

Por sua vez, como é sabido, *Elmano Sadino* dedicou à Condessa de Oeynhausen o III tomo das suas obras publicado em 1804, no qual inclui um poema introdutório que a caracteriza, mais uma vez, como uma poetisa de qualidades quase divinas, capaz de proteger e de animar com o seu talento e o seu incentivo, aqueles que se dedicam às letras<sup>16</sup>. Apesar de o nome de D. Leonor figurar na lista dos subscritores que patrocinaram a impressão do volume, Manuel Maria não fala de gratidão, mas de fama e

---

<sup>16</sup> Eis o poema de Manuel Maria Barbosa du Bocage, *Op. cit.*, p. 873:  
Á ILm<sup>a</sup> E EXm<sup>a</sup> SR<sup>a</sup> D. LEONOR D'ALMEIDA / Condessa de Oeynhausen

Queste mie carte in lieta fronte accogli,  
Che quasi in voto a te sacrate io porto.  
Tasso, *Jerusalem Libertada* canto I, estrofe IV

Á cantora imortal, deusa da lira,  
Que exprime em áureos sons, em metro augusto  
O que é digno de Jove, ou digno dela;  
À cantora imortal, de Lísia esmalte,  
A mente, e o coração consagra Elmano.

Mulher deidade! Majestosa Alcipe,  
Ó grande! Ó primogénita de Febo!  
Prospera a glória minha à sombra tua;  
Abriga os versos meus, que vão meus versos  
De honrosa eternidade a ti sedentos:  
Aos vates parte dela é teu sorriso.

de protecção para os seus versos: «Prospera a glória minha à sombra tua; / Abriga os versos meus, que vão meus versos / De honrosa eternidade a ti sedentos;»

Recorde-se que em 1804 D. Leonor de Almeida Portugal se encontrava há dois anos fora do país, procurando apoios e recursos financeiros para os opositores a Napoleão Bonaparte, depois de ter sido expulsa, em 1802, pelo Intendente Geral da Polícia. Este facto permite deduzir que os motivos de Manuel Maria, nessa época, não seriam nem de interesse financeiro, nem de desejo de protecção social. A longa epístola em verso com que a futura Marquesa de Alorna respondeu ao gesto de Elmano chegou a Lisboa já depois da morte deste<sup>17</sup>: fala da poesia como única consolação para os desgostos do «mundo espedaçado» em que ambos vivem, e afirma que Elmano não precisa já nem do apoio de Alcipe, nem de Mecenas, pois o talento que possui lhe garantiu, a si e àqueles que canta, a imortalidade:

Alcipe, dirás tu, Alcipe a vate  
Fiz com meus hinos Deusa, e com meus  
Hinos lhe afianço sem susto a eternidade.  
Elmano, jura Alcipe, vence o tempo,  
Vence as serpes da inveja, e transformado  
Em cisne voador, qual outro Flacco,  
Tem por Mecenas o seu próprio ingenho,  
Por juízes os Numes da Verdade.

Para terminar, sublinharemos alguns aspectos:

Em primeiro lugar, o facto de, tal como os exemplos citados ilustram, a poesia ter sido usada, neste período, como um modo de relacionamento social; depois, que o relacionamento assim estabelecido por meio do texto se coloriu, com frequência, das cores dos interesses daqueles que a ele recorreram<sup>18</sup>; em terceiro lugar, que esses

---

<sup>17</sup> Com efeito, na edição das obras completas de Alcipe, *op. cit.*, figura junto deste texto a nota seguinte: «Quando chegou esta epístola a Lisboa, já Elmano tinha morrido.»

<sup>18</sup> Não nos parece, pois, que se possa afirmar, como já foi dito, que: «Quanto aos salões lisboetas [...] tiveram muito poucas luzes e ainda menos política. De facto, a crer nos poucos testemunhos disponíveis, a discussão política esteve bastante ausente das assembleias lisboetas de fim de Setecentos e inícios de Oitocentos.» in Maria Alexandre Lousada «Sociabilidades mundanas em Lisboa. Partidas e assembleias, c. 1760-1834» *Penélope*: Estudos p. 131.

«interesses», se é um facto que puderam corresponder a objectivos concretos (políticos, económicos, ou de promoção social) como parece ter sido o caso da aproximação de Bocage e de Alcipe a D. Catarina de Lencastre, puderam também ser puramente simbólicos: a legitimação e o reconhecimento do talento, ou a fama, como parece ter acontecido entre Bocage e D. Leonor de Almeida; por fim, que esta mescla de convívio, de amizade e de interesse que se espelha nos textos, vai ao encontro da noção de sociabilidade tal como ela é definida na *Encyclopédie* de Diderot e D'Alembert, associando «*bienveillance*», «*bénifcence*» e «*générosité*», ou seja, intercâmbio social e auxílio mútuo:

SOCIABILITÉ, (*Droits ... & Moral.*) bienveillance envers les autres hommes.

La *sociabilité* est cette disposition qui nous porte à faire aux hommes tout le bien qui peut dépendre de nous, à concilier notre bonheur avec celui des autres, & à subordonner toujours notre avantage particulier, à l'avantage commun & général.

Plus nous nous étudierons nous-mêmes, plus nous serons convaincus que cette *sociabilité* est conforme à la volonté de Dieu; car outre la nécessité de ce principe, nous le trouvons gravé dans notre coeur. Si le Créateur y a mis l'amour de nous-mêmes, de l'autre la même main y a imprimé un sentiment de bienveillance pour nos semblables; ces deux penchans, quoique distincts l'un de l'autre, n'ont rien d'opposé, & Dieu les a gravés dans nos âmes pour agir de concert. Aussi les coeurs généreux trouvent-ils la satisfaction la plus pure à faire du bien aux autres homes, parcequ'ils ne font en cela que suivre un penchant naturel.

Du principe de la *sociabilité* découlent toutes les lois de la société. [...]<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> *Encyclopédie, Journal des Arts et des Sciences*, acessível em versão digitalizada em [www.gallica.fr](http://www.gallica.fr), pp. 250-251.